

Hermenêutica e comunicação: contribuições para compreender a teoria da interpretação e sua aplicação na sociedade midiática

Denise Cristina Ayres GOMES¹

Resumo

O artigo compara diversos enfoques teóricos sobre a teoria da interpretação a partir de autores como Schleiermacher e a hermenêutica universal; Dilthey e o caráter metodológico; a fenomenologia de Heidegger; e as relações com a história e a linguagem segundo Gadamer e Ricoeur. O texto faz ainda um contraponto entre as contribuições dos pensadores que concebem a teoria da interpretação a partir da comunicação destacando a hermenêutica crítica de Habermas, a teoria da pós-modernidade de Vattimo e a hermenêutica de profundidade de Thompson.

Palavras-chave: Hermenêutica. Comunicação. Interpretação.

Abstract

The article compares various theoretical approaches to the theory of interpretation from authors such as Schleiermacher and universal hermeneutics, Dilthey and methodological character; phenomenology of Heidegger, and the relationship of hermeneutics with history and language second Gadamer and Ricoeur. The text also makes a contrast between the contributions of thinkers who conceive the theory of interpretation from communication highlighting the critical hermeneutic of Habermas, theory of postmodernity of Vattimo and depth hermeneutic of Thompson.

Keywords: Hermeneutics. Communication. Interpretation.

Introdução

O termo ‘hermenêutica’ assumiu diferentes acepções conforme as épocas e pode ser dividido em três fases distintas. A tradição clássica do século XVII designa a

¹ Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS. Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pesquisadora do G. Mídia – CNPQ. E-mail: dayres42@gmail.com

hermenêutica como a arte de interpretar textos. A compreensão do sentido se desenvolveu ligada às disciplinas teologia e direito e adquiriu um caráter essencialmente normativo com o intuito de estabelecer regras para a interpretação de textos bíblicos e jurídicos.

A segunda corrente surgiu no século XIX com o pensador Schleiermacher que ampliou o objeto da hermenêutica introduzindo a concepção de que a fala deveria ser interpretada e não somente os textos escritos. O filósofo conferiu um caráter psicológico à hermenêutica que recriaria o universo do autor. Outro expoente do mesmo século foi o filósofo alemão Wilhelm Dilthey que atribuiu um sentido metodológico à hermenêutica. O teórico propôs refletir sobre os métodos constitutivos das ciências. Partindo de Kant, ao qual é atribuído o desenvolvimento de uma metodologia para as ciências exatas, Dilthey apresentou a fundamentação das ciências humanas sob os pilares da lógica, epistemologia e metodologia.

No século XX, o filósofo Martin Heidegger realizou a transformação radical no conceito de hermenêutica, concebendo-a como um processo de interpretação da própria existência humana e não mais uma metodologia aplicada aos textos ou às ciências. Heidegger operou a chamada “virada hermenêutica”, destacando o caráter fenomenológico da filosofia que remete à compreensão do próprio ser.

Na trilha aberta por Heidegger, destacam-se os teóricos Gadamer e Ricoeur que aplicam a hermenêutica para compreender a sociedade midiática. Esses teóricos desenvolveram a interpretação aplicada às ciências humanas considerando os vieses histórico e linguístico e consideram os fenômenos comunicacionais imprescindíveis para a interpretação da realidade.

O filósofo da escola de Frankfurt, Jürgen Habermas, contextualizou os atos comunicacionais sob o prisma histórico e social criando a chamada hermenêutica crítica. Outro pensador importante para a comunicação é Gianni Vattimo que se dedicou a estudar a pós-modernidade, época caracterizada pela explosão de subculturas que adquiriram visibilidade devido aos meios de comunicação e às novas tecnologias. Por fim, o sociólogo John Thompson propôs um aparato metodológico para analisar as formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa, denominado hermenêutica de profundidade.

A contextualização histórica da hermenêutica, partindo das contribuições de autores que se apropriaram da teoria da interpretação, é imprescindível para compreender a realidade contemporânea em que os meios de comunicação permeiam as relações sociais e produzem sentidos.

Hermenêutica: sentidos e rupturas

A hermenêutica pode ser dividida em três grandes correntes. De acordo com Grondin (2012), o sentido clássico está relacionado à arte de interpretar textos e cada disciplina desenvolveu regras próprias. A teologia se preocupou em interpretar textos bíblicos; o direito se dedicou à interpretação correta da lei; e no Renascimento, a filologia se ateu aos clássicos. A hermenêutica possuía um caráter essencialmente normativo e se desenvolveu procurando estabelecer regras para interpretar o sentido do texto escrito.

O termo hermenêutica surgiu no século XVII, no título da obra do teólogo Conrad Dannhauer que se dedicava a interpretar textos sacros. “A interpretação (*exponere, interpretari*) é aqui o método ou a operação que permite alcançar o *entendimento* do sentido, o *intelligere*.” (GRONDIN, 2012, p.17). A palavra hermenêutica deriva do verbo grego *hermeneuein* que possui um duplo significado: refere-se à elocução, à expressão em voz alta e também diz respeito à interpretação.

No latim a palavra hermenêutica é *interpretatio*, que deu origem ao termo “interpretação” em Português. Os gregos concebiam a elocução como um processo em que o sentido se traduzia em palavras e a explicação do sentido aconteceria do exterior para o interior do discurso. As regras da hermenêutica procederam da retórica que procurava manifestar o pensamento de modo eficaz.

Na hermenêutica medieval, o pensador de destaque é Santo Agostinho. O teórico estabeleceu regras para a interpretação dos textos bíblicos distinguindo o sentido próprio do sentido figurado, utilizado para que as pessoas pudessem compreender com mais facilidade. As regras propostas por Agostinho influenciaram a exegese medieval e repercutiram até o século XIX, quando Schleiermacher conferiu outro enfoque à hermenêutica.

A hermenêutica universal de Schleiermacher

A hermenêutica adquiriu novos contornos com Friedrich Schleiermacher que, no século XIX, propôs a teoria universal unificando as disciplinas do direito, a filologia e bíblica. Segundo o autor (1988), a arte da interpretação necessitava de regras para que se pudesse compreender corretamente o que foi expresso por alguém. A partir da língua, seria possível entender o sentido do discurso porque compreender significa trazer à consciência o que está na base do discurso

Schleiermacher concedeu um caráter metódico e psicológico para a hermenêutica que deveria reconstruir o discurso e reproduzir o processo criativo do autor da obra o mais fidedignamente possível. A concepção universal da teoria interpretativa de Schleiermacher podia ser aplicável a qualquer discurso e não somente à palavra escrita como propunha a hermenêutica clássica. O autor considerava que o discurso falado também era passível de interpretação porque o interlocutor o ressignifica e compartilha o mesmo contexto histórico que ocorre a enunciação.

O chamado círculo hermenêutico de Schleiermacher relacionou as expressões linguísticas à totalidade da linguagem e conectadas ao pensamento do autor. A obra faz parte de uma época e, para compreendê-la, é imprescindível conhecer a linguagem e a história de seu tempo. De outro modo, para o entendimento do todo, é preciso ter acesso as suas partes.

Dilthey e a hermenêutica metódica

Na segunda metade do século XIX, a hermenêutica adquiriu um caráter metodológico com Wilhelm Dilthey que buscou estabelecer métodos que fundamentassem as ciências humanas. As ciências exatas se baseavam na metodologia de Kant que, criticando a metafísica, transformou a filosofia em uma metodologia aplicada para a essas disciplinas.

Opondo-se ao positivismo comtiano, que atribuía às ciências humanas a mesma base metodológica das ciências naturais, e ao idealismo hegeliano, Dilthey procurou compreender as ciências humanas a partir de suas manifestações. O autor pretendia

fundar as ciências do entendimento sob as categorias lógica, epistemológica e metodológica.

Para Dilthey, a partir dos sinais exteriores, é possível compreender a individualidade. “Chamamos entendimento o processo pelo qual conhecemos um interior pelo auxílio de sinais percebidos desde o exterior por nossos sentimentos.” (DILTHEY, 1947, p. 313). A partir das manifestações escritas, o sentimento vivenciado pelo autor de uma obra poderia ser recriado. Dilthey associou a hermenêutica ao texto escrito e estabeleceu a interpretação como modelo de compreensão que conferiu as bases metodológicas para as ciências humanas.

A hermenêutica das ciências humanas para Dilthey é resultado da experiência, da expressão e do entendimento que condicionam sua validade universal, em que a interpretação é a busca do próprio sentido da vida e da história. Dilthey estabeleceu uma teoria filosófica que proporcionou as bases das interpretações históricas. A hermenêutica diltheyana influenciou profundamente autores como Heidegger e Gadamer que ampliarão o sentido histórico para uma hermenêutica existencial.

A hermenêutica da facticidade de Heidegger

A teoria da interpretação mudou completamente de estatuto com Martin Heidegger. Deixando de lado a interpretação de textos e as ciências humanas, o filósofo alemão tomou a própria existência como objeto da hermenêutica. A abordagem heideggeriana elevou a hermenêutica de um sentido técnico ou metodológico para adquirir um caráter fenomenológico que se confundia com a própria ontologia.

O método de Heidegger é ontológico porque investiga a existência humana, isto é, o *Dasein*. “[...] o *Dasein* é o ente que compreende o ser, o que significa compreendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de ser ou de não ser si mesmo, com a qual está concernido.” (NUNES, 2002, p.12). Para o autor, a existência humana procurou ocultar sua finitude, e o objetivo da hermenêutica é compreender seus fundamentos e colocar o homem como tema principal da filosofia.

O entendimento para Heidegger é uma capacidade, um saber fazer, funda-se em um projeto, é a possibilidade do homem de se desdobrar. “Ou seja, o entendimento se

dá no seio de uma estrutura de antecipação, de uma antecipação de significatividade, regida pela existência e por sua necessidade de orientação.” (GRONDIN, 2012, p.47).

A linguagem, segundo Heidegger, pertence ao domínio da metafísica e é concebida fora do âmbito da representação. A linguagem não se reduz à capacidade de se comunicar, mas corresponde ao ser, algo que diz respeito ao homem. A afirmação heideggeriana de que a linguagem é a casa do Ser (1973), significa que a linguagem fundamenta a relação do Ser com sua própria existência.

A linguagem e o discurso são essenciais para que os seres humanos interajam e ambos propiciam as condições necessárias para se entender o *Dasein*. O pensar também ocorre na linguagem e “deixa-se requisitar pelo ser para dizer a verdade do ser.” (HEIDEGGER, 1973, p. 347). A hermenêutica existencial ou da facticidade marcou o século XX e influenciou autores como Gadamer e Ricoeur.

Os herdeiros de Heidegger

Hans-Georg Gadamer foi aluno de Heidegger e retomou a concepção do mestre sobre o entendimento para estabelecer as bases da verdade nas ciências humanas. Gadamer criticou a postura excessivamente metodológica de Dilthey em relação às ciências humanas. O humanismo deveria ser a base das ciências humanas que contribuiriam para educar e formar indivíduos capazes de julgar, enquanto o senso comum, resultado dessa formação, deveria ser justo e elevar o homem.

O positivismo impôs uma visão única nas ciências sociais desenvolvendo a metodologia que concebeu a neutralidade do sujeito cognoscente livre de pré-juízos em relação ao objeto. Em “Verdade e Método” (1999), Gadamer recusou esse pressuposto e recorreu à arte para abordá-la como uma experiência estética que conduziria à verdade. A arte estabeleceria um jogo em que o sujeito se deixaria levar para uma outra realidade que transcenderia a própria obra.

O conceito de “trabalho da história” ou a historicidade das obras é importante para Gadamer porque a condição hermenêutica está atrelada à tradição e, por meio do todo, compreende-se o individual e vice-versa. “A antecipação de sentido, na qual está entendido o todo, chega a uma compreensão explícita através do fato de que as partes que se determinam a partir do todo determinam, por sua vez, a esse todo.”

(GADAMER, 1999, p. 436). A visão histórica permite que se tenha consciência dos limites do entendimento. A consciência se abre a novas possibilidades quando reconhece sua finitude.

Enquanto a hermenêutica heideggeriana está atrelada ao Ser, a experiência hermenêutica gadameriana reside na linguagem. Gadamer fez uma réplica à afirmação do mestre, discordando deste quando afirmava que a linguagem é a casa do ser e acrescenta que a linguagem também é a casa do homem porque a compreensão do Ser dependeria desta.

Para Gadamer, entender significa traduzir o sentido, por isso, a interpretação é um processo eminentemente linguístico e simbólico. Todo pensamento depende da linguagem e o entendimento está afeito a uma perspectiva dialógica que se amplia em possibilidades. “A linguagem é a linguagem da própria razão.” (GADAMER, 1999, p.585). O entendimento é compreendido na linguagem que também expressa o objeto a ser conhecido. A visão gadameriana concebe a linguagem como fundamental para que o homem se comunique e seja capaz de compreender o ser. A linguagem proporciona interação e marca a presença humana no mundo.

A linguagem também é objeto de reflexão de Paul Ricoeur, herdeiro de Heidegger. Segundo ele, a linguagem não apenas descreve, mas revela e cria a realidade porque medeia o contato do homem com o mundo. A vida é assim, um “tecido de histórias narradas” (RICOEUR, 1985, p.356) em que o trabalho hermenêutico, isto é, de reinterpretação da experiência e da reapropriação de sentido, evita a repetição da experiência e a errância do Ser.

A imaginação possibilitou que o homem refizesse a compreensão de si mesmo. A multiplicidade das significações emerge da linguagem e, tanto as narrativas de ficção quanto as obras historiográficas recriaram o mundo da ação e sua dimensão temporal. A ficção atribuiu novos significados à realidade prática ao reinterpretar e transformar o mundo. “A espiral hermenêutica concretiza-se na solução narrativa para a problemática temporal, por uma passagem da pré-compreensão do mundo da ação à transformação do mundo do leitor (mudando o seu agir).” (RICOEUR, 1986, p.11).

A hermenêutica de Ricoeur consiste em um guia de orientação de leitura que visa à compreensão da obra, seja de cunho teórico ou poético, do discurso ou da ação. A interpretação possui um laço mimético e simbólico com a realidade porque se constitui

em uma “articulação ‘significante’ da estrutura compreensível do ser-no-mundo.” (RICOEUR, 1986, p. 100).

A hermenêutica em autores ligados à comunicação

Após o percurso histórico entre as várias concepções sobre a hermenêutica, abordando-a de diversas maneiras, o artigo destaca teóricos que se voltaram a analisar a interpretação de sentidos considerando os meios de comunicação de massa. O estudo pontua a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas; a hermenêutica da pós-modernidade de Gianni Vattimo; e a hermenêutica de profundidade de John Thompson.

O filósofo e sociólogo da escola de Frankfurt, Jürgen Habermas, propôs um novo conceito de razão à luz da comunicação; trata-se da ação da teoria comunicativa. Esse modelo se opõe à razão instrumental imposta pela modernidade e supera a visão kantiana de razão subjetiva que seria capaz de direcionar os destinos do homem. A razão comunicativa habermasiana não se constitui em uma capacidade humana, inata, mas foi essencialmente dialógica, dependente da interação entre os indivíduos.

[...] eu pretendo arguir que uma mudança de paradigma para o da teoria da comunicação tornará possível um retorno à tarefa que foi interrompida com a crítica da razão instrumental; e isto nos permitirá retomar as tarefas, desde então negligenciadas, de uma teoria crítica da sociedade (HABERMAS, 1984, p.386).

A racionalidade para Habermas é um “procedimento argumentativo pelo qual dois ou mais sujeitos se põem de acordo sobre questões relacionadas com a verdade, a justiça e a autenticidade.” (FREITAG, 1988, p.59). Na ação comunicativa, os indivíduos têm a pretensão de validar o discurso como algo verdadeiro a partir de argumentos que o interlocutor pode contestar, fundamentando-se em outros argumentos. Todas as verdades, instauradas na modernidade, podem ser questionadas. As normas e os valores precisam de justificativas, e as relações sociais se baseiam na dialogia, no entendimento mútuo para se alcançar o consenso a partir do melhor argumento.

A teoria da ação comunicativa concebe a comunicação como elemento primordial da ação. O entendimento recíproco entre as partes acontece a partir do diálogo, da interação, em que se alcança um acordo racional por meio da linguagem. A

ação comunicativa se distingue da ação estratégica ou instrumental. Enquanto esta utiliza os indivíduos para obter o que deseja, a ação comunicativa procura alcançar uma base comum a partir de argumentos.

As relações interpessoais são permeadas pela linguagem. Ao falar, o indivíduo busca instituir um critério de verdade ao que é dito. A teoria da ação comunicativa confere especial importância às regras e às condições ideais de comunicação que estejam livres de coerção e em simetria para instaurar o processo argumentativo. O acordo entre os indivíduos ocorre quando se validam as proposições e a legitimidade das normas. Habermas propôs um modelo ideal de ação comunicativa como base para a organização da sociedade.

Vattimo: a hermenêutica como narrativa da pós-modernidade

Se a tarefa hermenêutica, segundo Habermas, processa-se no agir comunicativo, uma vez que a interpretação ocorre dialogicamente, o filósofo Gianni Vattimo ressalta que o caráter hermenêutico do pensamento somente pode ocorrer a partir do diálogo com a tradição. Tomando como ponto de partida a obra de Heidegger, o filósofo construiu sua tese sobre a pós-modernidade, época caracterizada por verdades contingentes e históricas, por isso, relativas e frágeis.

Se a modernidade se define como a época da superação, da novidade que envelhece e é logo substituída por uma novidade mais nova, num movimento irrefreável que desencoraja qualquer criatividade, ao mesmo tempo que a requer e a impõe como única fonte de vida, se assim é, então não se poderá sair da modernidade pensando-se superá-la. (VATTIMO, 1985, p.171).

Para Vattimo, a hermenêutica deve considerar seu caráter eminentemente histórico e não mais objetivar-se constituir como uma teoria totalizante capaz de interpretar a existência humana como desejava Heidegger. Em meio à crise dos metarrelatos, em que a verdade se tornou um evento, Vattimo defende que a hermenêutica é a narrativa da pós-modernidade. Retomando a concepção de Nietzsche e Heidegger do Ser como evento, o autor propõe que a interpretação consiste na compreensão da condição humana em sua existência concreta. A interpretação do

presente perdeu a condição de estabelecer uma verdade, instaurando-se como uma versão possível e contingente.

A história contemporânea se caracteriza por ser uma época de simultaneidade proporcionada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa (*mass media*). A “sociedade da comunicação”, como define Vattimo (1992, p.19), é “caracterizada por uma intensificação da troca de informações” que acarretou na dissolução da perspectiva moderna ao fazer emergir culturas particulares e novos pontos de vista.

Os *mass media* possibilitaram a explosão de diferentes visões de mundo e o reconhecimento da diversidade cultural. Esse relativismo modificou a concepção de mundo e da história baseada em uma única perspectiva. A experiência do presente ocorre no confronto de culturas e na sucessão de imagens construídas pelos *mass media*. A pós-modernidade, para Vattimo, rompe com a busca de sentido baseada na tradição e estabilidade, impondo a realidade construída pelo fluxo de imagens onde tudo se transformou em mercadoria.

A atividade hermenêutica deriva do próprio reconhecimento do novo sentido da realidade construído pelos *media* e não mais na interpretação baseada nos moldes modernos e tecnocientíficos. A pós-modernidade é marcada pela pluralidade, instabilidade e o desgaste do ‘princípio de realidade’. O conceito de interpretação se tangibiliza na própria experiência do mundo.

O enfoque sócio-histórico da hermenêutica de profundidade

O sociólogo John Thompson retomou as ideias de autores como Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur, que consideram as formas simbólicas objeto de análise da hermenêutica, para propor um novo referencial metodológico. O autor apresenta o método interpretativo da hermenêutica de profundidade (HP), que consiste em três etapas de análise e considera tanto o caráter objetivo e formal do campo analisado, quanto sua dimensão subjetiva e essencialmente simbólica. Para o autor, o mundo sócio-histórico se configura, ao mesmo tempo, em um campo-objeto e um campo-sujeito.

Thompson confere um caráter mais metodológico à abordagem hermenêutica, a exemplo de Dilthey que rompeu com o formalismo kantiano e o positivismo comtista. O autor também destaca a herança de Heidegger que concebe a questão ontológica como objeto da hermenêutica, isto é, a própria existência humana devendo ser interpretada e não apenas textos ou ações.

Para Thompson, a importância da obra de Gadamer reside na concepção da historicidade da experiência humana que assinala o caráter sócio-histórico das produções simbólicas. A experiência nova para Gadamer sempre carrega marcas do passado e é preciso ligá-la a uma tradição. A contribuição do pensamento de Ricoeur consiste em superar a abordagem eminentemente ontológica e conceber a hermenêutica como uma reflexão filosófica e metodológica. De acordo com Thompson, o filósofo francês também teria concebido uma Hermenêutica de Profundidade (HP), de cunho mais objetivante e atrelado à semântica do texto. A HP proposta por Thompson acentua o contexto sócio-histórico das produções simbólicas.

Na obra “Ideologia e cultura moderna” (2007), Thompson apresenta a HP dividida em três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. A primeira consiste em investigar as condições sociais e históricas em que as formas simbólicas foram produzidas. É necessário descrever situações espaço-temporais, reconstruir ambientes ou campos de interação e suas regras, além das instituições sociais. Também se estudam os meios técnicos de construção de mensagens e de transmissão porque as formas simbólicas precisam se adequar a esses meios que, por sua vez, fazem parte de aparatos institucionais que lhe conferem características próprias.

A fase da análise formal ou discursiva investiga a organização interna das formas simbólicas revelando suas características e relações estruturais. A análise pode ser realizada utilizando-se métodos como análise da conversação, semiótica, análise sintática, entre outros. A terceira fase denominada interpretação/reinterpretação consiste em um procedimento que sintetiza a análise formal ou discursiva propondo possíveis significados e referências. “[...] As formas simbólicas representam algo, elas dizem alguma coisa sobre algo, e é esse caráter transcendente que deve ser compreendido pelo processo de interpretação.” (THOMPSON, 2007, p.376).

O autor considerou que o processo de reinterpretação ocorre porque o investigador lida com formas simbólicas que são resultado de uma interpretação da realidade. Thompson afirma que a hermenêutica de profundidade pode projetar significados divergentes daqueles propostos pelos sujeitos analisados. A tarefa interpretativa é aberta e conflituosa e projeta significados possíveis.

O enfoque da hermenêutica de profundidade aplicado à comunicação de massa

A comunicação de massa rompe com a interação entre produção e recepção ao estabelecer um processo assíncrono que prescinde da presença física do receptor, de acordo com Thompson (2007). O autor propôs um “enfoque tríplice” para analisar as formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa. O primeiro diz respeito à produção e transmissão das formas simbólicas por meio de canais de difusão seletiva. Esses meios fazem parte de um contexto sócio-histórico e estão ligados a instituições. O segundo aspecto revela a construção das mensagens de forma complexa e articulada pelos meios de comunicação para que alcancem o grande público.

O terceiro aspecto consiste na recepção ou apropriação das formas simbólicas mediadas. As pessoas também fazem parte de contextos sócio-históricos específicos e mobilizam recursos disponíveis para compreender as mensagens e adequá-las a seu cotidiano. Thompson defende que os três aspectos mencionados resultem em um enfoque compreensivo do estudo da comunicação de massa.

O autor enfatiza que existem vários métodos hermenêuticos e múltiplas interpretações. O sujeito deve considerar que uma interpretação pode ser provada, mas não imposta. Provar significa apresentar razões, fundamentos e evidência sobre sua validade. A imposição implica em obrigar os outros a aceitar sua correção, submetendo o julgamento alheio.

Para tornar uma interpretação válida, Thompson alerta que deve haver condições simétricas de poder para que não ocorra submissão, mas apenas convencimento. O autor revisita a teoria da ação comunicativa de Habermas para estabelecer o “princípio de não-imposição” (2007, p. 411), em que a paridade entre os interlocutores e a relação dialógica permitem a expressão de argumentos e a busca do convencimento mútuo.

Essa regra é condição necessária para estabelecer a validade de uma interpretação, mas insuficiente. Thompson estabelece o “princípio da auto-reflexão” que deve nortear os sujeitos para interpretar as formas simbólicas. Preliminarmente, o hermenêuta interpreta o entendimento cotidiano a respeito desse objeto, o que o autor denominou de *doxa*². A partir do enfoque da HP, o analista (re)interpreta as formas simbólicas de modo a compreender a ideologia e o contexto sócio-histórico que revelam as relações de dominação. Esse movimento questiona o entendimento do cotidiano e pode possibilitar a transformação interpretativa da *doxa*.

Thompson revela o próprio caráter simbólico da interpretação que, envolvendo os sujeitos produtores das formas simbólicas, resulta em um processo aberto. A hermenêutica possui um potencial crítico e evidencia as relações de dominação e de poder, incluindo os sujeitos envolvidos nessas relações.

Finalmente, o autor cita o “princípio de não-exclusão” que se constitui em uma decisão em que todos os sujeitos afetados por ela possam participar da discussão. A justiça e o valor de uma causa são conferidos pelo amplo grau de participação dos envolvidos que tomam posição e decidem. A hermenêutica de profundidade se constitui em uma teoria social orientada para a crítica porque desperta a auto-reflexão dos sujeitos envolvidos no processo.

Considerações finais

A hermenêutica surgiu na tradição clássica com o objetivo de interpretar textos escritos. Ligada ao direito e à teologia, a interpretação possuía caráter normativo até o século XIX, quando Dilthey estabeleceu uma metodologia própria para as ciências humanas que não mais deveriam ser estudadas a partir dos pressupostos das ciências naturais, como defendia Kant.

A chamada “virada hermenêutica” ocorre com Heidegger ao colocar a existência humana como passível de interpretação. O caráter ontológico se sobrepõe à preocupação epistemológica da hermenêutica que estava preocupada em estabelecer critérios para as ciências humanas.

² A palavra grega *doxa* significa opinião. Os retóricos utilizavam o termo que se oporia ao saber verdadeiro, a *episteme*.

Ao longo da história, a hermenêutica decorre da falta de sentido *a priori* das formas simbólicas e da própria existência humana. O homem tenta compreender a realidade e estabelecer sentidos. Na sociedade contemporânea, marcada pela rápida produção e circulação de informações proporcionada pelos meios de comunicação, surgem formas de interação social e modos de existir passíveis de interpretação.

A partir das mudanças ocorridas no século XX como a crise dos metarrelatos, o grande avanço científico e dos meios de comunicação, constrói-se uma realidade em que a acelerada circulação das informações produz o esfacelamento das verdades erigidas pela razão. O mundo pós-moderno impõe o relativismo, a fragmentação e a efemeridade dos bens, valores e relações. A hermenêutica se debruça sobre a compreensão dessa realidade instável, buscando em sua própria mobilidade, um sentido possível.

Referências

- DILTHEY, Wilhelm. **Le monde de l'esprit**. Paris: Aubier, 1947.
- FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action: reason and the rationalization of society**. Boston: Beacon Press, 1984.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis, RJ : Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1973.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- RICOEUR, Paul. **Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II**. Porto: Rés, 1986.
- _____. **Temps et récit III: le temps raconté**. Paris: Seuil, 1985.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Herméneutique**. Paris: Labor & Fides, 1988.
- THOMPSON. John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

_____. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

_____. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.